



Tratado do Sonambulismo  
e das diferentes variações que ele apresenta  
(A. Bertrand, 1823)

© 2021 — Conhecimento Editorial Ltda

# Tratado de Sonambulismo e das diferentes variações que ele apresenta

Alexandre-Jacques-François Bertrand

Todos os direitos desta edição reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone: 19 34515440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Tradução: Maria Regina Cotrim Guimarães

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-118-6

1ª edição – 2021

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*  
Produzido no departamento gráfico da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
[grafica@edconhecimento.com.br](mailto:grafica@edconhecimento.com.br)



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Bertrand, Alexandre-Jacques-François

Tratado de Sonambulismo e das diferentes variações que ele apresenta / Alexandre-Jacques-François Bertrand ; tradução de Maria Regina Cotrim Guimarães. — 1ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2021.

250 p. (Coleção Magnetismo a Força da Vida)

ISBN 978-65-5727-118-6

Título original: *Traité du Somnambulisme, et des différentes modifications qu'il présente*

1. Sonambulismo I. Título II. Guimarães, Maria Regina Cotrim

21-4111

CDD — 154.64

Índice para catálogo sistemático:

1. Sonambulismo

A. Bertrand

# Tratado do Sonambulismo

e das diferentes variações que ele apresenta

Tradução  
Maria Regina Cotrim Guimarães

1ª edição  
2021



**TRAITÉ**  
**DU SOMNAMBULISME,**

**ET DES**

**DIFFÉRENTES MODIFICATIONS QU'IL PRÉSENTE.**

**PAR A. BERTRAND,**

**DOKTEUR DE LA FACULTÉ DE MÉDECINE DE PARIS, ANCIEN ÉLÈVE DE L'ÉCOLE  
POLYTECHNIQUE.**



STANFORD LIBRARY

**PARIS,**

**J. G. DENTU, IMPRIMEUR-LIBRAIRE,**  
**RUE DES PETITS-AUGUSTINS, N° 5.**

**MDCCCXXIII.**

st

## Sumário

Introdução .....	7
Capítulo 1 – Do Sonambulismo Essencial .....	11
Capítulo 2 – Do Sonambulismo Sintomático .....	54
Do aperfeiçoamento da memória.....	55
Do instinto dos remédios .....	61
Da premonição.....	67
Capítulo 3 – Do Sonambulismo Artificial.....	107
Comunicação simpática dos sintomas das doenças.....	113
Comunicação de pensamentos e influência da vontade ....	121
Influência particular dos sonâmbulos sobre seu organismo	139
Do desenvolvimento da inteligência.....	146
Discurso pronunciado pela supostamente possuída que, no caso de Louis Gaufiridy, descobriu a ligação que havia entre ele e Magdeleine Mandolle. ....	148
Discurso pronunciado por Elie Marion, em estado de crise, durante o qual ele acreditava falar sob a inspiração do Espírito Santo .....	149
Discurso pronunciado por uma convulsionária de Saint-Médard, no estado de crise, designado pelo nome de convulsão .....	150
Poemas ditados ao Sr. Baldwin, por um sonâmbulo a quem ele havia adormecido .....	150
A percepção do tempo.....	152
O esquecimento ao despertar-se.....	154
A visão do fluido magnético.....	155
Capítulo 4 – Do Sonambulismo Extático.....	159
As possessões.....	160
História de Urbain Grandier.....	163
História de uma sonâmbula magnética que se passava por possuída .....	172
Dos profetas das Cevenas.....	174
Christine Poniatova.....	178
Os convulsionários de Saint-Médard .....	182
Cura de Madeleine Durand .....	188
Carta de Ledran sobre a doença de Madeleine Durand .....	190
Reflexões sobre o que precede .....	198

Capítulo 5 – Explicação do sonambulismo .....	219
Exaltação da vida interior .....	222
Previsão, instinto dos remédios, insensibilidade exterior, percepção do tempo .....	222
Supereexcitação do cérebro .....	228
Aperfeiçoamento das faculdades intelectuais, atividade da imaginação, desenvolvimento da memória, esquecimento ao despertar .....	228
Notas .....	237
Fatos relacionados à visão a distância .....	237
História de Isabel Vincent, conhecida pelo nome de Pastora de Crest .....	230
(Extraído das Cartas Pastorais de Jurieu) .....	230
Certificado relativo à cura de Madeleine Durand (ver página 393) .....	241
Nota sobre Van-Helmont .....	247

## Introdução

Não há, na França, nenhum tratado sobre o sonambulismo; só se fala deste tema nas obras que tratam de doenças, nas quais é citado unicamente por estar associado a um papel nosológico. Mesmo nas obras que tratam de forma mais aprofundada desta condição interessante, as noções fornecidas são, em geral, muito imperfeitas. Chega-se a ponto de os autores só falarem do tema a partir de alguns relatos em que eles mesmos não confiam totalmente. Assim, adotam ou rejeitam arbitrariamente diversas afirmações, conforme lhes pareçam verossímeis ou inadmissíveis. Em obra alguma relativa a esse assunto se encontram a precisão e os detalhes que indicam a garantia de uma testemunha ocular cuja opinião tenha se formado a partir de um grande número de fatos observados com atenção.

Várias causas podem produzir o sonambulismo:

1º Uma disposição particular o faz surgir, às vezes, durante o sono comum, nos indivíduos que parecem gozar de perfeita saúde;

2º Pode ser observado, às vezes, também no curso de certas doenças, das quais seria considerado um sintoma ou uma crise;

3º Apresenta-se, frequentemente, logo após procedimentos empregados nos tratamentos por magnetismo animal;

4º Pode resultar de uma estimulação mental de alto grau: neste caso, é contagioso por “imitação”, para todas as pessoas submetidas à mesma influência.

Assim, há quatro espécies de sonambulismo:

Sonambulismo essencial;

Sonambulismo sintomático;

Sonambulismo artificial;

Sonambulismo extático.

Destas quatro espécies, as duas primeiras, ainda que

não sejam totalmente conhecidas, são mencionadas nas obras de medicina; as duas últimas são quase ignoradas, apesar de serem as únicas que podem conduzir a um conhecimento satisfatório do sonambulismo. As duas primeiras se apresentam muito raramente e em circunstâncias muito desfavoráveis ao observador, e assim, não são muito esclarecedoras. O que torna maior tal dificuldade é a impossibilidade de comunicação com os sonâmbulos destas duas espécies a partir de onde o observador costuma estar.

Por outro lado, o sonambulismo artificial e o extático se comunicam. Um, pela vontade e outro, por uma espécie de contágio. Podem ser observados num grande número de pessoas ao mesmo tempo e fazer todas as experiências necessárias para se adquirir o conhecimento necessário sobre eles. Além do mais, nos dois casos, há as vantagens preciosas de poder interrogar aos doentes sobre seu estado e provocar o desenvolvimento de algumas faculdades que não se apresentam quase nunca de forma espontânea.

O fato de o sonambulismo artificial ainda ser mal conhecido tende a desfavorecer generalizadamente o magnetismo animal.

Em 1784, os comissários nomeados pelas sociedades eruditas condenaram a doutrina de Mesmer numa época em que o sonambulismo ainda não havia sido objeto dos tratamentos magnéticos. Quando, mais tarde, os defensores do magnetismo observaram o sonambulismo, estendeu-se sobre este a condenação que até então só havia sido dirigida contra o tema anunciado por Mesmer.

O sonambulismo da quarta espécie (sonambulismo extático) é aquele que se observava nos indivíduos “possuídos” durante a Idade Média e entre todos os pretensamente inspirados por diversas seitas religiosas. Como tais exemplos tornaram-se raros no fim do século passado<sup>[1]</sup> e, hoje, praticamente desapareceram, não é surpreendente que só se tenha vagas noções sobre eles. Os próprios contemporâneos não os conhecem bem. Se, por um lado, os crentes exageravam os fenômenos que viam à sua frente a fim de

[1] Prestemos, no entanto, atenção em que a crença sobre possuídos e feiticeiros ainda é bastante frequente na França no início do século XVIII (em 1699 houve o julgamento contra os feiticeiros de Passy). Entre 1700 e 1710 que os “Tremedores” das Cevenas provocaram muito tumulto; os “Convulsionários” de Saint-Médard surgiram em 1730 e seus pretensos milagres continuaram até 1750. No intervalo que separou esta época de 1784, Gasner se tornou célebre por seus exorcismos e desde 1784 os sonâmbulos magnéticos continuam a apresentar os mesmos fenômenos. Pode se ver que, mesmo no século XVIII, há uma sequência quase ininterrupta de exemplos das duas últimas espécies de sonambulismo.



tentar fazer com que parecessem sobrenaturais, por outro, os incrédulos nada podiam esclarecer, pois tomavam partido, como hoje, para negar tudo sem uma mínima análise.

Se houvessem observado, ao mesmo tempo, o surgimento dos possuídos da Idade Média – que foram considerados por longo tempo uma prova evidente do poder do diabo sobre os homens –, dos profetas das Cevenas – que caíam ao chão em apoio à verdade da religião reformada –, dos Convulsionários de Saint-Médard – que garantiam que seus pretensos milagres ofereciam a prova de opiniões que eram objeto de uma discussão muito viva no seio da Igreja Católica – e, enfim, dos sonâmbulos magnéticos – que apresentavam os mesmos fenômenos, observados não mais como sobrenaturais, mas como demonstração da existência de um agente da natureza ainda desconhecido –, poder-se-ia buscar aproximá-los. Esta aproximação é possível, deixando de lado as diferentes consequências que se queira tirar dos fatos e afastando os erros que a superstição e o amor à magia possam ter introduzido nos relatos.

Mas os fenômenos de que falo surgiram em épocas diferentes e suficientemente afastadas umas das outras a ponto de que a lembrança das primeiras fosse apagada quando os fenômenos seguintes atraíssem a atenção.

As possessões, de fato, perderam crédito entre os homens instruídos, quando os profetas das Cevenas reproduziram os mesmos fatos que os possuídos apresentavam.

Os possuídos e os tremedores já haviam sido quase totalmente esquecidos quando, em torno de 1730, surgiu em Paris uma nova epidemia de convulsionários, que foi, como as precedentes, o resultado de uma estimulação mental produzida por uma perseguição religiosa. E não se pensava mais nestes últimos quando apareceram os sonâmbulos magnéticos em 1784.

Se nos entregarmos a um exame aprofundado do estado de cada um desses diferentes tipos de que acabamos de falar, insistiremos particularmente na semelhança entre eles. É uma semelhança tão perfeita, que sozinha seria suficiente para convencer da realidade dos fenômenos apresentados. A diversidade de temporalidade, de locais e, sobretudo, de opiniões e de crenças das testemunhas não permitiriam que, caso fossem falsos, os relatos que nos chegaram fossem tão semelhantes.

O sonambulismo nos apresenta o homem sob um as-

pecto bem diferente do de outrora. Pode-se dizer, com segurança, que nenhum outro estudo pode nos oferecer pesquisas mais importantes.

## Capítulo 1

### Do Sonambulismo Essencial

Alguns autores que trataram do sonambulismo essencial o consideraram como uma espécie de sono imperfeito, que permitiria ao homem que está dormindo o uso de vários sentidos, o exercício mais ou menos incompleto das funções intelectuais, assim como a liberdade dos movimentos musculares.

Esta maneira superficial de perceber o sonambulismo fornece apenas uma ideia muito incompleta do fenômeno. Ainda que se analisem observações feitas sobre este assunto por testemunhas oculares, logo se reconhece como esta percepção é insuficiente.

Se, de fato, os sonâmbulos podem, eventualmente, se servir de vários de seus sentidos ordinários, frequentemente eles também parecem só poder se comunicar com o mundo exterior através de meios bem diferentes daqueles do estado de vigília.

As funções intelectuais são, frequentemente, extremamente ativas nos sonâmbulos e novas faculdades se desenvolvem neles.

Quando eles retomam o estado de vigília, perdem totalmente a lembrança de tudo o que aconteceu durante seu sonambulismo, mas eles se lembram muito bem, em cada sono, do que ocorreu nos sonos anteriores. Deste modo, o sonambulismo constitui realmente uma nova vida que retorna em intervalos desiguais, ligados entre si por uma nova memória.

Começarei por um exemplo particular de sonambulismo essencial e, ainda que o que vou citar seja extremamente conhecido, creio dever relatá-lo por completo. Este

exemplo foi extraído da *Encyclopédie*<sup>[2]</sup>, primeira edição, artigo “sonambulismo”.

O Arcebispo de Bordeaux me relatou que, quando estava no seminário, encontrou um jovem eclesiástico sonâmbulo. Curioso por conhecer a natureza desta doença, ia todas as noites ao quarto do jovem enquanto este dormia. O Arcebispo viu, entre outras coisas, que o eclesiástico se levantava, pegava um papel, compunha e escrevia sermões. Quando terminava uma página, ele lia seu escrito em voz alta, do início ao fim (se é que se pode chamar de reler a esta ação realizada sem o auxílio dos olhos). Se algo o desagradasse, ele apagava e escrevia as correções, por cima, com bastante certeza. Eu vi o começo de um de seus sermões que ele escrevera enquanto dormia; pareceu-me muito bem feito e escrito de forma correta, mas havia uma correção surpreendente. Ele havia escrito num trecho *ce divin enfant* – esta criança divina – e, ao reler, acreditou dever substituir a palavra *divin* por *adorable* – adorável. Assim, ele apagou a palavra *divin* e colocou *adorable* em seu lugar. Depois disso, ele viu que a palavra *ce*, colocada corretamente diante de *divin* não poderia ser seguida por *adorable*; então ele acrescentou, com toda a correção, um “t” ao *ce*, de forma a se ler *cet adorable enfant* – esta adorável criança<sup>[3]</sup>. A mesma pessoa, testemunha ocular destes eventos, para investigar se o jovem fazia uso de seus olhos, pôs um papelão espesso abaixo do seu queixo, de forma a impedir a visão do papel que estava sobre a mesa, mas ele continuou a escrever sem se dar conta do papelão. Desejando, em seguida, saber como o jovem julgava a presença dos objetos que estavam diante de seus olhos, o Arcebispo removeu o papel sobre o qual este jovem escrevia e o substituiu por vários outros, diversas vezes, mas o jovem sempre se dava conta do acontecido, pois os papéis eram de tamanhos diferentes. Mas quando foi encontrado um papel bastante semelhante, o jovem achou que fosse o seu e escreveu as correções nos espaços correspondentes

---

[2] N.T. Obra de meados do século XVIII, de 35 volumes, 71 818 artigos, e 2 885 ilustrações, editada em Paris por Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot. É um marco do Iluminismo francês que recebeu contribuições de diversos outros intelectuais, como Voltaire, Rousseau e Montesquieu.

[3] N.T. Na língua francesa, quando o pronome demonstrativo “*ce*” é seguido por uma palavra que se inicia por vogal, passa-se a usar a forma “*cet*”. O autor chama a atenção de que o jovem tenha escrito o sermão e, inclusive, corrigido este detalhe linguístico.

ao do papel que fora removido. Por este estratagema engenhoso, foi possível recolher alguns de seus escritos noturnos. O Arcebispo de Bordeaux teve a bondade de me comunicar o que vi de mais impressionante, uma música feita exatamente assim: um bastão lhe servia de régua, e, com este bastão, traçava as cinco linhas<sup>[4]</sup>, mantendo a mesma distância entre elas. Colocava a clave no seu lugar, os bemóis, os sustenidos; a seguir, desenhava as notas, inicialmente todas brancas, e quando acabava, pintava de preto as que deveriam ser pretas. A letra da música estava escrita abaixo da pauta. Uma vez aconteceu de ele ter escrito caracteres grandes demais, de forma que não poderiam ser colocadas corretamente abaixo das notas correspondentes. Ele não demorou a perceber seu erro e, para repará-lo, apagou o que acabara de fazer, esfregando a mão por cima, e refez mais abaixo esta linha de música com toda a precisão possível.

Ele se imaginou, uma noite, durante o inverno, passeando às margens de um rio, onde viu cair uma criança que ali se afogava. O rigor do frio não o impediu de ir prestar socorro. Ele se jogou sobre sua cama na posição de alguém que estava nadando. Imitou todos os movimentos e, tendo descansado algum tempo após este exercício, percebeu, no canto da cama, um cobertor dobrado e acreditou que fosse a criança. Segurou-a com uma mão e utilizou a outra para retornar nadando para a margem do pretense rio, onde colocara seu cobertor. Tremia e batia o queixo como se, de fato, saísse de um rio congelado. Ele disse aos assistentes que estava congelando, que ia morrer de frio e que todo seu sangue congelava. Pediu um copo de aguardente para se esquentar, mas como não havia aguardente, deram-lhe a água que estava no seu quarto; ele provou, reconheceu que foi enganado e pediu, ainda mais incisivamente, aguardente, argumentando sobre o perigo que corria. Deram-lhe um copo de licor que ele tomou com prazer, e disse sentir bastante alívio. Durante este período ele não acordou; deitou-se e continuou a dormir mais tranquilamente.

Este mesmo sonâmbulo forneceu um grande número de características bem peculiares. As que acabo de relatar podem ser suficientes para o objetivo ao qual nos propusemos. Acrescentarei apenas que, quando se desejasse fazer com que ele mudasse de tema, como abandonar temas tristes ou desagradá-

---

[4] N.T. Descrição das cinco linhas da pauta musical.

veis, bastava passar uma pena em seus lábios e, no mesmo momento, ele passava a tratar de questões diferentes.

Ainda que seja muito fácil reconhecer o sonambulismo pelos fatos incontestáveis que detalhamos, não é fácil descobrir sua causa e seu mecanismo. A etiologia desta doença é uma dificuldade funesta para todos os fazedores de hipóteses, para todos os semieruditos que só creem naquilo que possam explicar e que não conseguem imaginar que a natureza tenha mistérios impenetráveis à sua sagacidade. Como lamentamos que sua vista curta e insegura só alcance os limites muito próximos de seus horizontes, pode-se lhes perguntar:

1º Como pode acontecer que um homem caído no mais profundo sono ouça, fale, escreva, veja, alegre-se e ainda exercite seus sentidos e execute com firmeza diversos movimentos? Para facilitar a solução deste problema, acrescentamos que o sonâmbulo só enxerga os objetos que necessita, que são pressentidos por sua imaginação. Este jovem de que tratamos, quando compunha seus sermões, via bem seu papel, seu tinteiro, sua caneta, sabia distinguir se ela escrevia ou não. Ele nunca trocava uma caixa de rapé por um tinteiro e não suspeitava que houvesse alguém no quarto, pois não via nem ouvia ninguém, a menos que fosse interrogado. Às vezes chegava a pedir amêndoas a quem estivesse a seu lado e as achava muito gostosas, mas, se, em outro momento, alguém as colocasse em sua boca sem que sua mente estivesse dirigida para isso, ele não sentia gosto algum e as rejeitava.

2º Como se pode provar sensações sem a participação dos sentidos, como, por exemplo, ver sem o auxílio dos olhos? O sonâmbulo cuja história contamos parecia, evidentemente, ver os objetos que tivessem relação com sua mente. Quando ele desenhava as notas musicais, sabia exatamente as que deviam ser brancas ou pretas e, sem nunca se enganar, ele escurecia umas e conservava brancas as outras. Quando ele era obrigado a retornar ao alto da página, se as linhas de baixo não estivessem ainda secas<sup>[5]</sup>, ele desviava para não as borrar ao passar a mão por cima; se elas estivessem suficientemente secas, ele negligenciava esta precaução inútil. É bem verdade que se seu papel fosse substituído por um parecido, ele acreditava ser

[5] N.T. Lembremos que as canetas eram mergulhadas no tinteiro e era necessário algum tempo para que aquilo que foi grafado secasse.

o seu, pela semelhança. Mas, para julgar a semelhança, ele não tinha necessidade de passar a mão em volta do papel, pois talvez ele só visse o papel, sem distinguir os caracteres<sup>[6]</sup>. Pode-se presumir que os outros sentidos dos quais o jovem se servia não fossem mais disponíveis que a visão e que alguma outra causa suprisse sua inação. Poder-se-ia assegurar-se disso, tocando suas orelhas, espetando-o e dando-lhe tabaco.

3º Como explicar que, dormindo, ele se lembrasse do que lhe aconteceu enquanto estava acordado e que ele soubesse também o que havia feito durante os outros sonhos e que ele não conservasse nenhuma lembrança disso quando acordava?

4º Como é possível que, sem a ação de qualquer causa externa, alguém seja tão gravemente afetado, como se tivesse realmente sido exposto àquilo que originou suas sensações? Nosso sonâmbulo experimentou todos os sintomas que a água congelada ocasiona, exatamente porque ele acreditou ter mergulhado nessa água durante algum tempo. Nós poderíamos ainda tentar explicar um grande número de outros fenômenos que os sonâmbulos nos fornecem, mas não haveria como obter muito mais explicações. É necessário convir que há muitas coisas que a razão não explica, que seriam procuradas inutilmente. A natureza tem seus mistérios; poupemo-nos de querer penetrar neles, especialmente quando estas pesquisas não são de nenhuma utilidade, a menos que se queira expor gratuitamente, difundindo erros e absurdos.

Não somente não saberíamos explicar os fatos que relatamos, mas esses fenômenos conduzem a outros que acreditávamos ter compreendido, mas que são inexplicáveis e lançam dúvida e escuridão sobre questões consideradas decididas. Por exemplo, acredita-se que o sono consista num relaxamento geral que suspende o uso dos sentidos e todos os movimentos voluntários. O sonâmbulo não se serve de qualquer sentido, não move diferentes partes de seu corpo com algum motivo e conhecimento de causa, e o sono não é menos profundo.

---

[6] Como o autor pode fazer semelhante suposição, após tudo o que ele acaba de dizer, algumas linhas acima, sobre o modo pelo qual o sonâmbulo sabia distinguir quando sua caneta escrevia e quando não escrevia, quando sua escrita estava seca ou quando não estava? Todas estas particularidades e, especialmente, a correção relativa a *cet adorable enfant*, poderiam concordar com a ideia de que o sonâmbulo só visse o papel, sem distinguir suas características, e, quando realizava sua obra, não conseguiria distinguir as características do papel?

Como ele não usa seus sentidos para obter sensações, e é incontestável que isso ocorra, pode-se, então, concluir com razão que mesmo os objetos corporais podem, sem passar pelos sentidos, chegar ao entendimento. Esta é uma exceção ao famoso axioma *nil habemus in intellectu quòd non fuerit in sensu*<sup>[7]</sup>; não se deve confundir o que ocorre aqui com o que acontece no sonho. Um homem que sonha, assim como aquele que delira, vê objetos que não estão presentes no local; há um vício de percepção e, algumas vezes, de raciocínio, mas estes objetos estão presentes na imaginação, como se fossem transmitidos pelos sentidos. São esses os mesmos objetos que o sonâmbulo veria se ele recuperasse a visão e dela fizesse uso; os objetos existem em sua frente da mesma forma que ele os representa. A percepção que ele teria dos objetos por meio dos sentidos não seria diferente.

As maiores provas que os filósofos fornecem sobre a existência dos corpos são fundadas sobre as impressões que estes corpos exercem sobre nós. Mas estas provas estão perdendo força. Quando sentimos os efeitos da ação dos corpos sem que tais corpos ajam de fato, estamos exatamente diante do caso do sonâmbulo que congela e treme sem ter sido exposto à ação da água congelada, mas simplesmente por tê-la viva na imaginação. Assim, parece que as impressões oriundas das ideias fazem, às vezes, tanto efeito sobre o corpo quanto as oriundas da realidade, e que não há qualquer indício sobre a distinção entre umas e outras.

Sem muitas delongas sobre estas considerações, que poderiam ser extensas e generalizadas, apresentamos uma última consequência pouco lisonjeira para o espírito humano, mas, infelizmente, bastante próxima da verdade: a descoberta de novos fenômenos, frequentemente, obscurece ou destrói nossos conhecimentos, invertem nossa razão e lança dúvidas sobre as coisas que nos parecem as mais evidentes. Pode ser que se chegue ao ponto de eliminar todo aspecto de paradoxo a partir desta asserção máxima da ciência e da sabedoria: para Sócrates, nada sabemos.

A sequência desta obra nos fornecerá respostas a algumas perguntas que este autor se faz, mas neste momento, só vamos nos ocupar do mais incompreensível dos fenômenos apresentados pelo sonâmbulo: o seu modo particular de visão.

Eu tive a oportunidade de observar um número bas-

---

[7] N.T. "Não há nada no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos."



tante grande de sonâmbulos, no entanto, não pude constatar por mim mesmo, sobre nenhum deles, a realidade da existência de um novo modo de visão. Sobre este assunto, eu só obtive um fato que, isoladamente, não é suficiente para conduzir a uma convicção. Minha crença só pode, assim, ser baseada em testemunhas alheias, e vamos proceder a esta discussão com o cuidado de não descartarmos as regras que devem guiar um espírito prudente numa pesquisa como essa.

O mais importante, quando se trata de fatos desta natureza, é que só devemos fazer referência ao que está atestado por homens esclarecidos que relatam o que *viram*. Seu testemunho deverá inspirar tanto mais confiança quanto mais detalhes que nos façam saber que esses homens não tenham sido induzidos ao erro em hipótese alguma.

Os antigos pouco falaram do sonambulismo; não se encontra em suas obras nenhum testemunho que possa parecer conclusivo sobre esta questão. Hipócrates, no entanto, fala do sonambulismo no seu "Tratado de Morbo Sacro"<sup>[8]</sup>, onde diz que viu pessoas que, durante seu sono, falavam, gritavam, choravam, andavam, pulavam. Dizer isso significa dizer implicitamente que eles, realmente, eram capazes de ver nos seus sonhos. Como Hipócrates não faz nenhuma observação assertiva e, além disso, não diz se esses homens estavam em locais claros ou escuros, se eles tinham olhos abertos ou fechados, nada se pode concluir de sua observação.

Aristóteles não indica nada de conclusivo sobre o tema. Ele diz que há pessoas que, dormindo, se levantam, passeiam como se estivessem acordadas e são suscetíveis de sentir os diversos acidentes que podem lhes acontecer.

Diógenes Laércio relata dois exemplos de sonambulismo. Ele diz ter conhecido um filósofo estoico que, durante o sono, compunha obras de filosofia, as relia e corrigia. Tudo isso necessitaria, sem dúvida, no estado ordinário, da presença do sentido da visão. Pode-se presumir que o autor quis dizer que o dito sonâmbulo fazia todas estas coisas sem necessidade dos olhos, mas como isto não está expresso de forma assertiva, pode-se usar do rigor e duvidar da legitimidade de tal ocorrência. Todas essas observações não nos trazem nada de novo; nada que já não seja aceito por todo mundo. Pode-se, de fato, observar que algo

[8] N.T. Tratado da Doença Sagrada

constante que os sonâmbulos fazem durante o sono são as mesmas coisas que fazemos acordados e de olhos abertos. Entretanto, a questão a ser esclarecida é saber se os sonâmbulos fazem isso porque eles experimentam a vida durante o sono, inclusive na escuridão, ou se eles teriam adquirido, à distância, o conhecimento dos corpos por um outro meio sobre o qual não temos nenhuma ideia. Lucrécio admite esta última opinião.

Lucrécio acrescenta que é importante concluir, a respeito do que ele acaba de expor, que, além dos sentidos dos quais o sonâmbulo se serve habitualmente, o espírito tem uma reserva de outras vias, por onde podem lhe chegar as mesmas imagens dos objetos.

*Reliquas tamen esse vias in mente patentes  
Quà possint eadem rerum simulacra venire.*<sup>[9]</sup>

Como esta opinião necessite a admissão de uma faculdade cuja existência é difícil de se conceber, é razoável que ela não seja aceita enquanto não for comprovada por fatos incontestáveis.

Gassendi cita três ou quatro histórias de sonambulismo, mas me contentarei em falar da que me pareceu mais interessante para o assunto que nos diz respeito. Gassendi tinha, para servi-lo, um jovem que se levantava todas as noites, descia à adega e retirava o vinho de um tonel. Frequentemente ele saía de sua casa e andava pelas ruas, no meio da noite; algumas vezes ele chegava a passear no campo e subia em troncos para atravessar um riacho que contornava a cidade. Quando ele saía de seu sono após ter atravessado o riacho, não mais ousava repetir o feito, acordado, para retornar à casa. Gassendi acrescenta que quando acontecia de o rapaz acordar durante seus passeios, ele se encontrava, subitamente, mergulhado nas trevas no momento em que abria os olhos. Mas como ele tinha a faculdade especial de se lembrar, ao acordar, de tudo o que havia acontecido durante o seu sono, sabia onde se encontrava e retornava à sua cama tateando. A escuridão, que impedia a visão durante a vigília, não era para ele um obstáculo no estado de sonambulismo. A nova modalidade de visão da qual ele dispunha seria, então, realmente independente da luz? Um fato registrado na mesma observação poderia fazer suspeitar do contrário. Foi relatado que, como

---

[9] N.T. "Na alma estão abertas outras vias pelas quais podem chegar, de forma semelhante, a imagem das coisas."

ele não enxergasse na escuridão, frequentemente acendia a lamparina; mas não é necessário apressar-se em concluir que fosse realmente a luz que lhe ajudasse a perceber mais distintamente os objetos. Quando refletirmos sobre o grande poder que a imaginação exerce sobre as impressões dos sonâmbulos, vamos conceber que era suficiente que este rapaz estivesse persuadido de que, acendendo a lamparina, ele afastaria o obstáculo que se opunha ao que ele via, para que, efetivamente, ele visse melhor.

O sonâmbulo Negretti<sup>[10]</sup>, ao perceber, uma noite, que não via suficientemente, pegou uma garrafa que encontrou na lareira; acreditando ter na mão uma lamparina acesa, ele não parava de se iluminar com esta luz imaginária.

Uma noite, o sonâmbulo Castelli<sup>[11]</sup> foi surpreendido quando estava ocupado com uma tradução do italiano para o francês. Procurava suas palavras num dicionário, como o faria acordado, e parecia usar uma luz colocada próxima a ele. Os que o observavam apagaram esta luz, e assim que ele pareceu se encontrar na escuridão, procurou, tateando, sua lamparina sobre a mesa e foi acendê-la na cozinha.

Ora, no momento em que ele acreditava estar na escuridão, ele estava, de fato, num quarto iluminado, mas por lamparinas que não eram as que ele havia acendido e que de nada lhe serviam porque ele não tinha conhecimento da presença delas.

Todos os sonâmbulos prescindem da luz para verem, durante o sono. Eu observei uma pessoa jovem, de 18 a 20 anos, atingida de sonambulismo essencial, mas cujos acessos eram cuidados por um magnetizador durante o dia, em meio a seus procedimentos. Esta pessoa, bem criada e de família honesta, adorava oferecer consultas aos doentes e ela própria escrevia suas receitas durante o sonambulismo, mas ela só tinha a faculdade de escrever durante seus acessos, à noite. Então ela se levantava e escrevia sem luz. O que chama atenção é que ela só podia distinguir os objetos quando se encontrava na mais completa escuridão. A menor iluminação, como a da lua penetrando através das frestas ou a de uma centelha mal apagada na lareira, era suficiente para ser um obstáculo à sua visão. Ela dizia que “este sol” a incomodava e a impedia de ver. Seus pais me

---

[10] Pode-se ver a história deste sonâmbulo na obra de Moratori, *Sobre o Poder da Imaginação*.

[11] A história do sonambulismo de Castelli foi oferecida pelos senhores F. Soave e ant. Porati; o jovem sonâmbulo ficava com este último na qualidade de aluno de farmácia.

mostraram várias receitas que ela havia escrito no meio da noite mais profunda. Eram escritas corretamente, e seu conteúdo estava bem relacionado às doenças das pessoas para quem ela prescrevia. Eu a vi, no seu sonambulismo artificial, andar de olhos fechados num quarto que ela não conhecia; ela evitava os móveis e as cadeiras que estavam no seu caminho com muito mais facilidade que uma pessoa acordada com os olhos vendados faria.

Se agora retomarmos a observação de Gassendi, veremos que o sonâmbulo de que ele fala acendia a lamparina para ver a própria lamparina, pois o exemplo de Negretti prova que, se em vez de uma luz, ele só tivesse por perto uma garrafa que acreditasse ser uma lamparina acesa, daria no mesmo. Por outro lado, vimos que toda a luz que preenchia o quarto de Castelli era insuficiente para iluminá-lo, pois ele acreditava estar na escuridão. Assim observamos que, acima de tudo e em todas as circunstâncias, o que importa é apenas a convicção do sonâmbulo. É, igualmente, o exemplo dessa pessoa jovem que, persuadida de que a luz a incomodava, só podia escrever na total escuridão.

O Negretti de que falamos é um dos sonâmbulos mais emblemáticos cuja história se conservou antes do aparecimento do sonambulismo nos tratamentos magnéticos. Dois médicos<sup>[12]</sup> observaram com cuidado e forneceram, separadamente, o relato do que ele apresentava de mais extraordinário. Eis os fatos mais interessantes sobre a faculdade que nos interessa. Os médicos pareciam bem decididos; os observadores tiveram o cuidado de garantir que o sonâmbulo estava com os olhos completamente fechados.

Um dia, ele carregava uma bandeja de tábua com várias garrafas e subia uma escada de dois corrimãos; quando ele se dirigia à parte mais estreita da escada, corrigia-se, e colocava a bandeja longitudinalmente, sem deixar nada cair.

Outra vez, desejava retirar as teias de aranha de uma sala, conforme lhe haviam solicitado durante o dia. Ele pegou uma vassoura que havia amarrado firmemente, com uma corda, a um cabo comprido. Ao subir a escada, ele percebeu que o cabo não poderia passar devido ao seu tamanho; o que fez, então, o sonâmbulo? Abriu a janela que dava para a escada, retirou o cabo da vassoura, para poder subir a escada, depois voltou a fechar a janela e não deixou de cumprir as ordens que havia recebido.

[12] Pigatti e Reghellini